

ENTREVISTA // RODRIGO MAIA

Depois de vencer a guerra contra a CPMF, partido planeja manter as prefeituras do Rio e de São Paulo nas eleições deste ano

LEANDRO COLON
DA EQUIPE DO CORREIO

Antigo PFL, o Democratas encerrou em 2007 seu primeiro ano com o novo nome. Com o objetivo de impedir a estagnação interna da legenda, depois de um fraco desempenho nas urnas em 2006, e propondo uma renovação em seu comando, o DEM se agarrou à bandeira pelo fim da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) no Congresso.

Enquanto isso, o PSDB, parceiro de oposição, não escondia a divisão sobre a postura a ser tomada em relação ao imposto. O DEM se considera o principal vencedor político dessa votação que derrotou o Palácio do Planalto. Avalia, com certa razão, que foi a única legenda partidária a não negociar com o governo. Agora, quer colher os frutos.

Preocupado com as recentes saídas de deputados e senadores da legenda, o DEM quer aproveitar as eleições municipais deste ano para tentar se consolidar. Esta-

beleceu como meta manter o comando das prefeituras de São Paulo e do Rio de Janeiro. O partido não abre mão da reeleição de Gilberto Kassab na capital paulista, mesmo com a ameaça do PSDB de lançar Geraldo Alckmin. No Rio, prepara a candidatura da deputada Solange Amaral, e aposta numa aliança com o PMDB na cidade. No último domingo, o presidente da sigla, deputado Rodrigo Maia (RJ), fez ao **Correio** um balanço sobre o ano que passou e as perspectivas para o futuro.

DEM quer mostrar força

José Varella/CB - 26/3/07

BALANÇO ANUAL

Para um primeiro ano, o resultado foi muito bom. O partido conseguiu firmar a marca, com menos de um ano de vida. A questão da CPMF foi fundamental. Ocorreu algo na política que não acontecia há muitos anos: um partido firmar uma posição no Congresso em defesa da sociedade e mantê-la até o final.

VOTAÇÃO DA CPMF

O DEM se sentiu vencedor, porque a sociedade se sentiu vencedora. A sociedade viu que, depois de muitos anos, um partido não arranja uma desculpa aos 45 minutos do segundo tempo e se joga nos braços do governo para um acordo de plantão. E aqueles que seguraram essa bandeira se sentiram vencedores, sem dúvida nenhuma.

DIVISÃO TUCANA

O PSDB tem uma estrutura na federação mais forte que a nossa. Isso gera um diálogo que é diferente. Nós conseguimos antecipar o diálogo interno e resolver isso. Pelo o que sempre conversei com deputados, senadores e alguns governadores do PSDB, senti que a posição do partido era a que foi no resultado da votação (que derrubou a CPMF no Senado).

REFORMA TRIBUTÁRIA

A nossa condição é olhar o enfoque do consumidor. Os estados são importantes, mas não podem ser, na reforma tributária, o fim do processo. O fim tem que ser o sistema, que simplifique e dê a médio e longo prazos ao setor privado brasileiro condições para competir com os países emergentes. Entendemos o Estado como papel fundamental, mas a reforma virá sempre, na nossa ótica, na linha de preservar aquilo que é função fundamental do Estado, que é garantir os serviços básicos, regulando a economia.

NOVO IMPOSTO

Não aceitamos (uma nova CPMF). Queremos um sistema tributário simplificado, que possa financiar as principais funções do Estado, mas que a gente não tenha tributo que prejudique o setor produtivo. A CPMF prejudica esse setor. Queremos um sistema que arrecade daqueles que têm lucro, que não deixe concentração de renda nas mãos de poucos. Não queremos um sistema que continue prejudicando a livre iniciativa.



“ A GRANDE BANDEIRA É MOSTRAR QUE O PARTIDO VAI ENTRAR NAS ELEIÇÕES DE 2008 COM UMA CARA NOVA ”

SAÍDA DE DEPUTADOS

Aqueles que tomaram a decisão de sair não acreditavam mais na capacidade da legenda de ser opção de poder. Certamente o partido chegou a essa mesma opinião sobre eles. Ruim é ter parlamentares que não acreditam no partido. A vitória da CPMF é porque todos estavam unidos. É melhor ter perdas do que ter divisão interna. A legenda conseguiu uma unidade maior com a saída desses parlamentares e tem condições de se reconstruir.

PONTO NEGATIVO

Não posso achar que vamos construir em um ano um partido forte como foi o PFL. Temos um longo caminho. Sabemos que somos um partido que está começando, renovando. Esse primeiro ano foi de transição. Estaremos satisfeitos quando o partido passar por essa transição.

META PARA 2008

Continuar com prefeituras importantes, como São Paulo e Rio de Janeiro. E queremos vencer em Porto Alegre, Salvador, Recife, onde temos boas

chances. O número é questão menos importante, a partir do momento que conseguirmos as duas principais cidades (SP e RJ). O resultado passa por essas duas vitórias. Posso eleger mil, mas se não ganhar em São Paulo e Rio, vão passar a imagem de que não ganhamos nada.

KASSAB EM SP

Se depender do partido, nenhuma chance de ele desistir. Agora, ele vai decidir isso em março. E no Rio, temos candidatura própria, a de Solange Amaral, na aliança com o PMDB. A aliança caminha bem, foi bem costurada e vai se consolidando até a convenção.

ALIANÇA COM O PSDB

Aliança só no segundo turno. No primeiro turno, o DEM pode ocupar um espaço, e no segundo se aliar ao PSDB ou vice-versa. A eleição em 2010 sem o Lula como candidato será pulverizada. É fundamental para o partido consolidar as mudanças que vem fazendo, como também é uma estratégia da oposição ter dois, três candidatos, para no segundo turno ter mais chances de vitória.

ECONOMIA

O presidente Lula fez um balanço mentiroso em muitas partes. O Brasil cresceu muito mais puxado pela economia mundial, do que pela colaboração do Estado. Estamos com muitos gargalos para 2008. O Brasil não fez os investimentos em infraestrutura que precisamos. Não vimos por parte do governo o apoio necessário para crescer como os demais países emergentes. O presidente não faz uma análise do que o país precisaria ter feito. O governo poderia terminar o ano favorável, mas não termina porque não está preocupado em prestar bons serviços.

BANDEIRA POLÍTICA

A grande bandeira é mostrar que o partido vai entrar nas eleições de 2008 com uma cara nova, com propostas preocupadas com a qualidade de vida das pessoas, e com a certeza de um partido que quando chegar ao poder não vai virar de costas para a população, como tem feito a maioria das legendas nos últimos anos.



e-mail alon.feuerwerker@correioweb.com.br



Eleições muito municipais

O senso comum diz que quando o governo federal vai bem os candidatos do partido do presidente da República levam vantagem na corrida eleitoral pelas prefeituras. Essa verdade ainda está por ser comprovada. O oposto parece mais razoável. Quando o ocupante do Planalto está em baixa, é mau negócio associar-se à imagem dele numa disputa eleitoral dura, como costumam ser as municipais. Quando o país colhe bons ventos, como agora, a tendência é que o localismo prevaleça ainda mais na disputa de poder nas cidades.

Foi o que aconteceu, por exemplo, em 2004. Depois do começo duro, o governo Lula saboreava um período de aceleração da economia. E como foi o desempenho do PT? O partido se deu bem no primeiro turno, reelegendo entre outros os prefeitos de Recife e Belo Horizonte. Mas o isolamento político custou-lhe espaços preciosos de poder nos lugares em que a corrida teve segundo turno. Os casos mais emblemáticos foram São Paulo e Porto Alegre.

Um PT forte, mas isolado. Foi isso que se viu quatro anos atrás. E agora? Na coluna dos ganhos, é improvável que os candidatos do PT não sejam vitimados por cinco anos de posse da chave dos cofres das Uniões. Nas perdas, é preciso saber qual será o efeito local de mais de três anos de ataques e acusações contra o petismo no plano assim chamado ético.

Máquina de um lado, desgaste ético do outro, é provável que o desempate se dê, como sempre, pela política. O PT terá aprendido a lição de 2004? Vai conseguir manobrar para evitar o isolamento, para impedir que formam frentes antipetistas de norte a sul do país? Vai ser capaz de oferecer espaços reais de poder a aliados, ainda que isso cause dor e desconforto em correntes do partido?

Há pelo menos uma mudança palpável na atitude do petismo em relação a quatro anos atrás. A partir mesmo do ocupante do Palácio do Planalto, o partido parece imbuído do desejo genuíno de construir uma aliança sólida com o PMDB. O PT é um organismo de cúpula forte e raízes municipais nem tanto. Dai uma complementaridade quase perfeita com o PMDB. O peemedebismo pode ter pedido boa parte de sua identidade ideológica dos tempos de oposição, mas manteve a capilaridade no território nacional, especialmente em pequenas e médias cidades.

Uma aliança sólida do PT com o PMDB nas eleições locais deste ano seria também um antídoto contra o crescimento do bloco PSB-PDT-PCdoB. Desde o ano passado, o “bloquinho” trabalha para chegar a 2010 como uma alternativa de esquerda não petista para a sucessão de Luiz Inácio Lula da Silva.

Do lado da oposição, o desafio será atenuar as diferenças entre o PSDB e o Democratas, tensão cujo símbolo mais vistoso é a ameaça de rompimento na cidade de São Paulo. O tucano ensaia adotar um comportamento historicamente classificável como “petista”, ao ameaçar com a derrota o prefeito Gilberto Kassab (DEM). O que dificulta a aliança entre os dois partidos na capital paulista é a divisão entre os partidários do governador José Serra e do ex-governador Geraldo Alckmin.

O serrismo controla a máquina do estado e é sócio majoritário na prefeitura de Kassab, que herdou a cadeira com a saída do hoje governador. O alckminismo está, como se diz, na chuva. E teme depender do serrismo na sucessão estadual de 2010. Já os serristas desconfiam de que o alckminismo trama uma aliança com o governador de Minas Gerais, Aécio Neves. Para eventualmente dar a este uma cabeça de ponte paulista, útil às pretensões presidenciais do mineiro na disputa interna com o próprio Serra.

De volta ao início desta coluna, é provável que a economia brasileira chegue a agosto — época em que o eleitorado começará a prestar atenção na refrega política municipal — com o pé na tábua. Bombando. Noves fora a crise imobiliária nos Estados Unidos e improváveis tropeços orçamentários decorrentes da perda da CPMF, o governo Lula tem tudo para alcançar bem o terceiro final de 2008. O que deve levar a oposição a trabalhar duro para fugir da federalização do pleito. Ela tem boa chance de conseguir. O eleitor médio costuma estar bem mais preocupado com a própria vida do que com as brigas dos políticos em Brasília. Vem aí eleições muito municipais.